

AS AVENTURAS DE TOM SAWYER: O LEITOR E A PERSPECTIVA REALISTA DE MARK TWAIN

Izaura da Silva Cabral¹

RESUMO *As aventuras de Tom Sawyer* foi o primeiro fruto do projeto de Mark Twain, que queria traçar um vasto painel realista em que os protagonistas fossem meninos, numa espécie de epopéia divertida e aventureira que revelasse aspectos do universo infantil. O conflito presente na obra mostra ao leitor que seu dia-a-dia está repleto de emoções, como a amizade ou a aversão por parte dos outros. A estrutura narrativa apresenta a atuação da personagem criança, que faz peraltagens, mas que também tem qualidades. Vista a partir de uma perspectiva mais real torna-se uma grande aventura compartilhada com o leitor.

Palavras-chave: 1 literatura infanto-juvenil; 2 personagem infantil; 3 narrativa; 4 leitor criança; 5 leitura.

ABSTRACT *Of the adventures of Tom Sawyer* was the first fruit of Mark Twain, who wanted to draw a realistic pane in which vast protagonists were young boys, a kind of epic fun and adventurous that reveal aspects of the infant universe. The conflict present in the book shows the reader that your day is full of emotions, such as friendship or aversion on the part of others. The narrative structure exposes the child's character, which is peraltagens, but that also has qualities. Seen from a perspective more real becomes a great adventure shared with the reader.

Keywords: 1 children literature; 2 infant character; 3 narrative; 4 child reader; 5 reading.

1 Introdução

O trabalho tem como objetivo analisar a obra lançada em 1876, nos Estados Unidos, *As aventuras de Tom Sawyer* que foi o primeiro fruto do projeto de Mark Twain, com o objetivo de traçar um vasto painel realista em que os protagonistas fossem

¹ Doutoranda em Letras – Estudos de Literatura – UFRGS, Mestre em Letras – UNISC, professora de Língua Portuguesa, Literatura e Língua Espanhola do Instituto Estadual de Educação Ernesto Alves, e-mail: iza-cabral@hotmail.com

meninos, numa espécie de epopéia divertida e aventureira que revelasse aspectos do universo infantil. Geraldo Galvão Ferraz, diz no prefácio da obra, que muitas das aventuras descritas no enredo são verídicas, vividas pelo autor e seus amigos da escola, e que sofrem aqui um processo de literariedade. Dessa maneira, analisaremos a atuação do protagonista e a visão da infância proposta pela obra.

2 Analisando a obra

Quanto ao processo narrativo, podemos dizer que o narrador é um observador atento a quase tudo o que se passa com as personagens, desde suas ações até seus pensamentos. Ele acompanha a ação atentamente, conhece profundamente as personagens que apresenta, tece comentários e mostra as suas sensações.

O narrador conhece o íntimo das personagens, suas inquietudes são focadas e percebidas pelo leitor, como quando a menina Becky deu a Tom um bilhete durante a aula dizendo que o amava, fato que provocou uma turbulência no menino: “Quando a classe se acalmou, Tom esforçou-se para estudar, mas o tumulto dentro dele era grande demais” (p. 59). A partir dessa apresentação detalhada, faz com que a criança reconheça na personagem alguém com características próximas às suas, que até mesmo sofre as mesmas inquietudes.

Em vários trechos da obra há a presença dos parênteses que são usados pelo narrador para expressar a opinião da personagem de quem ele está falando ou para inserir um julgamento, como na ocasião em que a irmã de Tom o arrumara para ir a igreja: “Mary pegou-o pela mão e, quando acabou o serviço, ele estava bem lavado e penteado, com cachos todos arrumados. (Quando ficou só, ele desarrumou os cachos, pois achava que aquilo era coisa de menina, e vivia alisando os seus.)” (p. 38). Esse procedimento aparece também quando procuraram o assassino pela vila, e ele se coloca no relato ao emitir a sua opinião sobre como o povo julga rápido uma pessoa e a faz culpada ou inocente: “... a vila fora vasculhada de cabo a rabo por causa do ‘assassino’ (o público não é nada lento quando se trata de estabelecer evidências e chegar a um veredicto)” (p. 81). Por meio desse recurso, o narrador separa o que é o seu posicionamento e o que é

relato somente. Além dos parênteses, encontramos a presença dos colchetes que isolam sensações que são destacadas, como na ocasião em que Tom fingia delirar, o narrador apresenta as falas do menino intercaladas por sua ação, que no caso era gemer: “– Eu perdô a todos, Sid. [Gemido.] Diga a eles, Sid” (p. 51).

O narrador especifica muitos dados ao leitor, pois o emprego dos colchetes e dos parênteses facilita a identificação das intercalações que aparecem no texto como um julgamento do narrador, uma ação que se desenrola em meio a uma fala, proporcionando uma melhor compreensão do relato.

A denúncia de que a sociedade vê a criança como um ser inferior é apresentada logo no início da narrativa: “Raramente ou nunca ela olhava através das lentes para uma coisa tão sem importância como um menino, pois aqueles óculos eram um sinal de distinção[...]” (p. 20). Esse aspecto revela que os pequenos são tratados com descaso. De acordo com essa concepção, a criança deveria trabalhar. Assim, tia Polly manda Tom cair a cerca no sábado, para tentar corrigir a sua postura anti-trabalho: “Vai ser duro para ele trabalhar num sábado, quando todos os outros meninos vão estar brincando, mas ele odeia trabalhar mais do que qualquer outra coisa, e eu tenho que corrigir isso ou vou estragar essa criança” (p. 22).

O narrador exalta valores adultos, mas o menino ludibria os mais velhos em relação às tarefas que lhe são impostas. Além disso, esses aspectos trazem para o leitor infantil um conhecimento sobre os modos de conceber a infância, mostra-lhe que nem sempre as crianças tiveram uma atenção especial, como, por exemplo, obras produzidas para elas.

Mesmo que o narrador transmita uma visão moralista, Tom discorda e impõe-se: “Era assim que pensavam os meninos bem-comportados, cheios de proibição, de São Petersburgo” (p. 53). Tom Sawyer age totalmente contra esses princípios morais que a boa criança deveria seguir, retirando do narrador o poder de dizer o que é certo e errado e se colocando como uma voz que se manifesta, mostrando que o leitor mirim opina sobre

como uma criança deve agir. Desse modo, a voz infantil prevalece, o menino desautoriza o narrador.

O narrador interrompe o relato para apresentar conceitos ou ensinamentos morais. Ele também assume uma postura racista, de acordo com idéias vigentes na época da publicação da obra. No momento que os meninos estão brincando e estão nomeando as personagens que encarnarão na brincadeira, um deles diz não querer ter somente um nome, já que isso é coisa de negros: “Mas eu não queria ser rei e só ter um nome, como se fosse um negro” (p. 151).

Esse narrador partilha com o leitor uma história, aproxima da criança leitora o protagonista ao se referir a Tom Sawyer da seguinte forma: “O menino cuja história esse livro conta não gostou nada da oração”(p. 47, grifos nossos). Ele faz pausas no relato para conversar com o leitor e colocá-lo como parceiro que está construindo uma obra, com poder de conduzir as aventuras das personagens. Para isso, emprega o verbo na primeira pessoa do plural e propõe ao leitor uma cumplicidade: “Vamos deixá-los fumando, e conversando, e contando vantagem, já que não temos mais nada para fazer com ele por ora” (p. 114, grifos nossos).

A chamada pelo leitor continua ao longo do texto. Quando o narrador apresenta as composições que venceram o concurso na escola de Tom, ele avisa que talvez o leitor não suporte o desprazer desta leitura, mas, mesmo assim, ele a apresenta, já que a criança vai testar se a leitura realmente é enfadonha: “Talvez o leitor consiga suportar um trecho” (p. 135, grifos nossos). O narrador almeja satisfazer o receptor: “O leitor deve estar satisfeito com o impacto que a súbita fortuna de Tom e Huck causou na pobre vila de São Petersburgo” (p. 206, grifos nossos). Dessa forma, se as crianças aparecem na ficção em situações agradáveis, podem presentear o leitor com situações agradáveis e um futuro de satisfações e compensações, como no caso em que Tom e Huck descobrem um tesouro na caverna e ficam ricos. Não queremos ser utópicos, mas consideramos importante que a criança pela ficção tenha uma provisão de otimismo e confiança. Por isso, é importante a presença de personagens – crianças com um comportamento

autônomo, que sejam críticas, transgressoras, com bom senso e sejam inteligentes. Assim como as crianças da ficção são vencedoras, as leitoras também podem imaginar sê-lo.

Nesta obra, há a presença de uma “conclusão”. O narrador traz a última parte da obra com esse subtítulo, ficando claro por que essa história termina dessa forma, ou seja, apresenta a razão de ser dessa narrativa e para quem está destinada: “Assim termina esta crônica. Sendo estritamente a história de um menino, deve parar por aqui; a história não poderia continuar sem se tornar a história de um homem” (p. 212). Mostra que quem escreve para adultos sabe como terminam as histórias que os agradam, mas quem escreve para crianças não sabe como encerrar o relato: “Quem escreve um romance sobre pessoas adultas sabe exatamente onde parar - ou seja, com um casamento; mas quando se escreve sobre crianças, deve parar onde puder” (p. 212).

A história de Tom Sawyer dura o tempo de suas aventuras, que iniciam quando o menino está enganando a tia, segue-se com o seu descuido em relação aos deveres de uma criança da época e suas inúmeras incursões aventurescas pelas ruas, casas abandonadas, rio, cemitério, enfim, toda a região em que o menino mora é um ambiente que lhe desperta o gosto por novas peripécias e estende-se até quando, depois de voltar da caverna, onde tinha se perdido, descobre com um de seus amigos o tesouro de Injun Joe e ficam ricos.

Trata-se de um relato longo, sem marcação do período em que se situa a história, pois não há datas específicas, já que os registros cronológicos são indefinidos, podendo ocorrer em qualquer período. É possível, no entanto, que o leitor relacione a ação às idéias vigentes na sociedade americana do século XIX, o que talvez seja possível de ser comprovado pelos costumes das personagens, visão da infância apresentada, modelo de escola, ideologia.

O tempo cronológico, cujas referências fazem alusão a dias da semana, horas, contribui para dar verossimilhança ao relato. Os meninos buscam um tesouro que imaginaram existir e isso ocorre no sábado: “No sábado, logo depois do meio-dia, já estavam de novo ao pé da velha árvore.” (p. 158, grifos nossos). Huck chega à casa do

velho galês, para pedir sua proteção, já que sabia demais sobre os bandidos que andavam na cidade e isso foi no amanhecer de domingo: “Mal começou a amanhecer no domingo,...” (p. 177, grifos nossos). Desde o início da história, o tempo cronológico deixa suas marcas na estruturação do conflito: “A manhã de sábado chegou, era verão” (p. 27, grifos nossos). Dessa forma, a estruturação dá segurança ao leitor, dá sensação de certeza.

Através do recurso da prolepse, o narrador, por meio dos pensamentos da Tia Polly, anuncia ao leitor, as prováveis peripécias do menino: “Ele vai gazetear hoje à tarde, e vou ter que obrigá-lo a trabalhar amanhã para puni-lo” (p. 22). Dessa forma, o leitor prevê que tipo de personagem encontrará na história, já que esse anúncio acontece logo no início da narrativa, bem como suas funções no enredo.

Também percebemos a presença da intercalação de um fato em um momento depois de sua realização (analepse). A senhora Harper sente remorso, após o desaparecimento dos meninos, então o narrador dá-lhe a palavra para que possa apresentar ao leitor o motivo de estar se sentindo dessa forma: “– E, Deus me perdoe, pensar que bati nele por causa daquele creme, sem querer me lembrar que eu mesma o jogara fora porque tinha azedado, e agora saber que nunca mais vou vê-lo neste mundo, nunca mais, nunca, pobre criança!” (p. 102). O narrador, através do uso da primeira pessoa do plural, convida o leitor a voltar ao ponto da história em que pararam: “Agora, vamos voltar a Tom e Becky durante o piquenique” (p. 185, grifos nossos). Indica, dessa forma, ao leitor que ele também faz parte do relato e lembra-o de que é uma volta ao passado da história.

Esses aspectos introduzem o leitor no relato, para que tenha a sensação de participe, mesmo que seja através da leitura, da função de conduzir o enredo, e o levam a voltar no tempo para lembrar o que estavam contando a respeito de Tom e Becky e pararam para fazer outro relato, mostrando a solidariedade com o leitor, já que o discurso, por não ser linear precisa parar, muitas vezes, retroceder, avançar, não registrando os fatos na mesma ordem temporal que ocorrem.

O espaço nessa narrativa assume contornos conhecidos, situando melhor o seu leitor, como no caso vila de São Petersburgo, onde ocorrem as aventuras do menino e o rio Illinois. Os espaços centrais da trama são a casa de tia Polly, onde vivia Tom e seus irmãos; a igreja, lugar que o menino detestava, sobretudo quando era obrigado a freqüentar a escola dominical: “um lugar que Tom detestava do fundo do seu coração”(p. 39); a escola, lugar de repressão.

A maior parte das ações desenvolve-se em espaços tópicos, como ruas, casas abandonadas, cemitérios, rio. Mas poderiam se tornar atópicos, em virtude do sentido que assumem na narrativa, eles poderiam passar para essa classificação, porque são os espaços do desconhecido e da aventura, como a rua onde brinca e se diverte, como no exemplo de uma de suas aventuras mais conhecidas. Tia Polly o obriga a pintar a cerca como castigo, ele convence a todos os meninos que passam por ali a ajudá-lo, e os outros acabam o serviço dele em pouco tempo: “Tom entregou a broxa com uma expressão relutante, mas com o coração contente. E, enquanto aquele que fora o Big Missouri trabalhava e suava embaixo do sol, o artista descansava sentado num barril à sombra, balançava as pernas e planejava o sacrifício de mais inocentes” (p. 31). Quem passava e ridicularizava Tom por estar trabalhando no sábado, acaba pintando também: “Material é que não faltava; os meninos passavam por ali a toda hora; vinham para fazer uma gozação e terminavam pintando” (p. 31).

O protagonista, o menino Tom Sawyer, relaciona-se com outras personagens e os espaços o rodeiam de um modo mais objetivo e menos egocêntrico, ou seja, consegue estabelecer relações como o seu universo de uma maneira mais real e mais sociável. De acordo com Piaget (1975, p. 368), “esse egocentrismo diminui na medida em que a socialização da criança cresce, no sentido da troca e da cooperação”.

Tom, assim como a possível criança leitora, alcança uma consciência mais clara dele mesmo que, revelada através de condutas de isolamento, é uma espécie de eu que se descobre, se olha. Dessa forma, as cenas nas quais a criança busca espaços solitários, como no exemplo em que Tom estava chateado certo dia e resolveu ir para casa por um atalho. Entrou em um matagal e começou a meditar, podem ser expressões

dessa evolução afetiva: “A alma de Tom estava impregnada de melancolia; seus sentimentos harmonizavam-se com aquele ambiente” (p. 64).

As personagens têm seu significado a partir da ação. Tom era um menino alegre e, mesmo em momentos de infortúnio, curioso: “Não porque seus problemas não fossem uma carga pesada para ele, mas porque fora completamente absorvido por um novo e poderoso interesse” (p. 24). Quando satisfaz a curiosidade, sente-se um grande descobridor: “saiu pela rua, com um assovio nos lábios e alegria na alma. Era um sentimento idêntico ao do astrônomo que descobre um novo planeta” (p. 24).

A sabedoria do menino é revelada através da estratégia que ele descobriu para os meninos pintarem a cerca: “Tom pensou consigo mesmo que o mundo não era tão ruim assim. Descobriria sem saber uma grande lei da ação humana, isto é, que para fazer um homem ou um menino cobiçar uma coisa basta tornar essa coisa difícil de ser alcançada” (p. 31). Também podemos dizer que Tom Sawyer é uma personagem que provoca o questionamento da ordem instituída ao expor contradições percebidas.

As personagens são, em sua maioria, crianças, como Jim, um menino negro, que servia na casa de Tom. O irmão mais novo de Tom, Sid, um menino com quem Tia Polly não precisava ter nenhum cuidado, representa o bom comportamento, totalmente oposto a Tom: “Sid, já tinha feito a sua tarefa (catar as lascas), pois era um menino sossegado” (p. 22).

Além dos meninos já citados, há outras personagens significativas, como, Huckleberry Finn, filho do maior bêbado das redondezas, que dorme pelas ruas, em barris velhos, bebe, fuma, ações não permitidas para a criança da época. Ele pode fazer o que quer e assim é o símbolo da liberdade em potencial. Os companheiros de travessuras de Tom: Ben Rogers era o maior gozador; Billy Fisher, Johnny Miller, outros dois meninos que andam pelas ruas, que vestem trapos, representam o contrário ao puritanismo, à hipocrisia social e aos valores capitalistas sedimentados. Encontram-se sempre prontos para burlar e infringir o sistema. De outro lado, estão Jeff Thatcher, filho do juiz, Mary, prima de Tom, Sid, de quem já discorremos, e outras crianças que seguem

os modelos impostos, como Joe Harper que, mesmo tentando acompanhar a turma de Tom, consegue conservar certo padrão de comportamento.

As meninas, Amy Lawrence e Becky Thatcher, são travessas, ciumentas, invejosas e objeto de conquista por parte dos meninos. A primeira é um dos amores de Tom, mas logo o interesse dele passa e ele volta sua atenção para a segunda, a fim de conquistá-la.

A presença da turma de Tom e dos outros grupos de crianças pode contribuir para a identificação do possível leitor com o texto. A partir do momento em que o grupo se torna indispensável para qualquer infante, não só pela aprendizagem social que proporciona, mas também para o desenvolvimento de sua personalidade e para a consciência social que adquire pouco a pouco.

Um grupo pode colocar a criança entre duas exigências: a necessidade de pertencer e de assumir, a partir de sua individualidade, um papel. A criança assume assim como Tom Sawyer e sua turma, lugar e papel determinados. Os dois traços se conjugam. A autodeterminação, o encontro consigo, a identificação e a totalidade, com o conjunto em um processo que oferece uma progressão gradual: identificação com os outros, individualmente considerados, com suas aspirações, com os seus interesses.

Há também a presença dos adultos para representação de um mundo equilibrado, que o leitor criança precisa encontrar, até na ficção. Eles são Sr. Walters, o supervisor da escola dominical, que tinha a aparência severa e era muito sincero e honesto; Thatcher, o juiz; Sr. Dobbins, o professor, homem de muita disciplina e outros figurões. Tia Polly é a personagem árbitro, que intervém em uma ação de conflito, mas a afetividade a leva a se posicionar, muitas vezes, em favor de Tom.

Com a presença de muitas personagens, principalmente crianças, o narrador dá vozes às personagens, como no exemplo em que Huck conta a Tom as situações que a viúva que o adotou o faz passar, querendo torná-lo um menino bem vestido, educado:

□ (...) Não estou acostumado. A viúva me quer bem, mas não agüento aquele tipo de vida. Ela me faz acordar todo dia na mesma hora; e eu tenho que tomar banho, me pentear direitinho, e ela não me deixa dormir no depósito de madeira. Também tenho que usar aquelas malditas roupas que me incomodam, Tom; são apertadas demais, não deixam o ar entrar e são tão finas que não posso me deitar no chão nem rolar por aí; e não pego uma tábua para não sair deslizando por aí há muito tempo. Tenho que ir à igreja e ficar lá, suando, suando! Detesto aqueles sermões chatos! Não posso nem mesmo pegar uma mosca, não posso mascar. Tenho de botar sapato todos os domingos. A viúva vive com uma sineta; pra dormir, é a sineta; pra levantar de manhã cedo, tome sineta de novo. É tudo tão certinho que a gente não agüenta (p. 208).

Como característica dos contos clássicos infantis, salientamos que agrada ao leitor infante a aventura. É o que ocorre com essa obra, Tom Sawyer vive encarecendo com o irmão, a Tia Polly e a escola. Lá, ele vive as mais surpreendentes aventuras em suas brincadeiras de pirata, pele-vermelha, Robin Hood e o mais que sua criatividade inventa. Mas, muitas vezes, as brincadeiras se tornam perigosas e assustadoras. O narrador é compreensivo com as peripécias da protagonista ao revelar esse desejo de aventura: “Há um momento na vida de todo menino normal em que surge um desejo furioso de ir a algum lugar e descobrir um tesouro enterrado” (p. 149).

As personagens questionam o que é destinado à infância, a grande indagação é a de quem é que sabe o que é melhor para a criança, um adulto ou ela mesma, como no exemplo em que o menino discute o papel da tia, quando ele ficou doente e Tia Polly, preocupada, deu-lhe um chá fortificante que o menino jogava fora por uma falha do assoalho.

Nessa obra não há presença dos pais do protagonista, que é criado pela tia. As crianças deixam claro que elas precisam dos adultos, mesmo que não saibam muito para quê, acham que não tem graça fazer o que é errado, se não houver alguém para corrigir: “– Nadar não é tão bom assim; agora não ligo mais pra isso porque não tem ninguém mais pra proibir. Eu quero mesmo é voltar pra casa” (p. 107).

Abordando, ainda, a questão da representação dos adultos e do infante na obra, veremos que as características mais importantes do modelo de criança proposto pelo

narrador é a capacidade de iniciativa e liberdade em relação às idéias assentes sobre o mundo; os pequenos são o suporte do desejo de modificação social deles. Daí a importância dada à obediência e ao bom comportamento em si mesmo.

Além disso, os adultos impedem o desenvolvimento de atividades das crianças, como fica bem claro com o exemplo de tia Polly: sua excessiva prudência e seus hábitos arraigados a levariam, em princípio, a dizer não a tudo que fosse novo. Donde a necessidade de as crianças fazerem suas aventuras escondidas.

Também há uma crítica à escola, instituição que Tom Sawyer considerava não ser nada interessante, qualquer outra coisa que ele fizesse longe desse lugar seria mais atraente: “Tom não via a hora de ficar livre ou de fazer alguma coisa interessante para passar o tempo” (p. 59).

São também as crianças que encontram soluções para as crises. Algumas vezes, essas soluções são conseguidas com auxílio de elementos mágicos, como simpatias que Tom e seus amigos pensavam fazer. Mas muitas vezes, o narrador prefere recorrer a eles só em último caso e explica: seu objetivo é fazer as crianças analisarem todos os elementos de uma situação conflitiva e poderem utilizá-los criativamente. Dessa forma, educam-se futuros cidadãos que possam encontrar soluções para os problemas. Os estímulos à criança são feitos em termos de desafio, de situações de conflito, que exigem delas constante assimilação, acomodação e adaptação.

O estilo humorístico pode ser uma das características de um clássico que o torna uma atração para a criança das mais variadas épocas. Então veremos, neste tópico, como o narrador utiliza a linguagem e seus recursos inerentes ao cômico, a fim de divertir o leitor.

Nessa obra, conforme Khéde (1990, p. 47), as personagens criam situações cômicas pela linguagem, com o constante uso das figuras de linguagem, como a hipérbole, transformando uma situação simples e corriqueira em um acontecimento grandioso, como o momento em que Tom acompanhou o povo correndo para o cemitério

para ver o médico que havia sido assassinado por lá e cujo culpado pela tal morte, que a cidade acusava, era Muff Potter: “Para ele, era como se já tivesse passado mais de um século desde que estivera ali (p. 81, grifos nossos)”. Há também a presença de algumas metáforas, como “varrê-la” no sentido de esquecer-la: “Tom lutou contra seu orgulho durante alguns dias e ‘tentou varrê-la’ de seu pensamento, mas em vão” (p. 85).

A linguagem figurada traz para o possível leitor criança um caráter afetivo. Além disso, é usada como estratégia expressiva, fonte de sinonímia e polissemia, evasão de emoções intensas tanto do narrador como do leitor. Esse tipo de linguagem se transforma em estímulos afetivos aos leitores e, igualmente, permite a inter-relação não só dos aspectos que a polissemia lhe oferece, todavia, do mesmo modo, o mundo sensorial amplo e a evocação num processo criativo e enriquecedor. A linguagem figurada pode se tornar uma das vias lúdicas fundamentais para o leitor criança que penetra na leitura, com a finalidade de descobrir o enigma da palavra e do mundo.

Há também o uso de expressões bastante coloquiais, não esquecendo que são traduções, como “caldo”, uma brincadeira de crianças, feita geralmente quando um mergulha obrigatoriamente o outro na água: “... o vencedor dava um caldo no outro” (p.106), a “fossa”, expressão usada quando alguém está muito triste: “começaram a andar sozinhos, ficando na ‘fossa’” (p. 106). Estes coloquialismos conferem realismo às relações e colocam-se à altura da comunicação habitual da criança. Há ainda, mais uma vez, o uso do exagero: “procurou um lugar onde pudesse ficar sozinha e ‘se acabou de chorar’” (p. 124).

O narrador utiliza-se da sátira, fazendo-nos rir dos homens por se apresentarem tão ridículos, como na escola dominical, quando as crianças são testadas por seus conhecimentos bíblicos, mas Tom adora rir de tudo e, quando todos pensam que ele não responde à pergunta por vergonha, mostra que não sabe mesmo e que para ele isso só é importante para mostrar aos outros como ele é esperto, só que, dessa vez, se dá mal: “□ Responda ao cavalheiro, Thomas, não tenha medo. Tom negou fogo de novo. □ Vamos □ disse a dama. □ Para mim você vai dizer. Os nomes dos dois primeiros discípulos eram... □ DAVI E GOLIAS!” (p. 45).

Pela ironia, a narrativa denuncia que os homens não são o que deveriam ser, como no caso do professor frustrado por não conseguir exercer a profissão que sonhava e essa frustração descarrega nos alunos, impondo-lhes castigos como surras.

Esse tipo de humor irônico brinca com a dignidade humana, menospreza a seriedade da morte. Como no exemplo em que é apresentado como faleceu Injun Joe, um assassino e ladrão, que ficou preso na mesma caverna em que Tom e Becky se perderam, morreu tentando escavar a pedra que fechava a porta, mesmo que a soubesse intransponível, só parou quando pereceu. Esse fim somente se deu, talvez por causa da fome e sede, pois o prisioneiro comera até os tocos de velas que as pessoas que visitavam a caverna deixavam por ali, encontrara uma estalactite que gotejava a cada vinte minutos e ele desejava essas gotas como nunca, mas elas só enchiam uma colher de sobremesa a cada vinte e quatro horas. Além disso, há humor nas situações de mistério, que leva ao anticlímax, à irreverência e aos protestos, muitas vezes manifestados nos jogos de palavras.

Para Khéde (1990, p. 48), grande parte dos teóricos do humor aponta que todo humorista é no fundo um moralista, pois a sátira e a crítica social incidem sobre situações – do ponto de vista moral, ético, religioso ou social – com o intuito de modificá-las. Nesse sentido, o protagonista representa o horror à convenção, já que tem o realismo e o idealismo como símbolos de liberdade.

Além do estilo humorístico, o leitor encontra na obra o diálogo com outros textos, pois há várias referências à Bíblia. Além disso, o narrador faz também referência a outros textos em brincadeiras em que Tom e os meninos encenavam trechos de obras, aparentemente conhecidas por eles: “– Droga! Isso não quer dizer nada. Não posso cair. Não é assim no livro. O livro diz: ‘Então, com um golpe pelas costas, ele matou o pobre Guy de Guisborne!’ Você tem que me dar as costas para que eu dê o golpe!” (p. 68). Os nomes das personagens de suas brincadeiras são tirados de sua literatura predileta, como diz o narrador: “– Huck Finn, o Mão-Vermelha, e Joe Harper, o Terror dos Mares. Tom fornecera esses títulos, tirados de sua literatura predileta ”(p. 91), também queriam

brincar de Robin Hood, mas um deles não sabia quem era: “ – Não. Quem é Robin Hood?/ Ora, ele foi um dos maiores homens da Inglaterra e o melhor. Era um ladrão” (p. 157).

Mesmo sendo esta uma obra de cunho mais realista, já que mostra a sociedade sem falsos moralismos, não deixa de lado uma característica peculiar dos clássicos destinados aos pequenos: a combinação entre fantasia e a realidade.

Essa combinação acontece, muitas vezes, através do faz-de-conta das crianças – personagens: “Era o navio, o capitão e as sinetas ao mesmo tempo, por isso tinha que imaginar que estava no convés superior dando as ordens e executando-as” (p. 29). Para uma criança como Tom, tudo funciona bem se houver uma ação sob a influência de um encantamento, algo fora da esfera do real: “Os outros concordavam que havia sentido no que Tom dizia, porque um ignorante pedaço de pão, sem o auxílio de um encantamento, não podia de forma alguma agir com inteligência numa missão daquela importância” (p. 100).

Ao brincar com um amigo imaginário, Tom podia vencê-lo, ficando assim satisfeito: “E foi andando e fazendo gestos com que retalhava um menino imaginário – esmurrando o ar, chutando e se esquivando. □ Ah, é mesmo? Agora você está chiando, não é? É pra você aprender com quem se mete. E dessa maneira a surra imaginária prosseguia satisfazendo-o” (p. 125). Na vivência das crianças, é aceitável que quando algo não dá certo é por que houve interferência das bruxas: “ – É curioso Huck. Não compreendo. Às vezes, as bruxas interferem. Acho que esse é o problema. □ Bobagem, as bruxas não têm nenhum poder de dia” (p. 153).

Além disso, as personagens crianças concebem a fantasia como algo natural, e até mesmo, necessária. Dessa forma, a presença do fantástico é um caminho que incentiva o leitor a imaginar. A partir desse momento, a criança está pronta para pensar com autonomia.

Mesmo com a presença da fantasia, a obra apresenta as aventuras de um menino protagonista, que se diverte muito sem se afastar de sua casa, não precisa viajar para mundos distantes. Para ele, o universo que o rodeia está repleto de elementos que despertam a sua curiosidade e o seu desejo pelo desconhecido.

De acordo com Ana Maria Machado (2002, p. 102), essas aventuras se tornam necessárias, a partir do momento em que, há necessidade de lembrar às pessoas que as experiências que dão intensidade à vida não precisam necessariamente se passar longe de casa e que cada pessoa pode viver uma situação de enorme complexidade psicológica, cada família pode guardar um drama de muita intensidade, cada cidade está cheia de tragédias sociais, cada rua é atravessada por gente que vive dores e alegrias, tem medos e sonhos.

Essa obra tem meninos livres na sua paisagem natal, às margens do rio Mississipi, e suas aventuras naquele espaço. Toda a força da obra história vem da observação crítica da sociedade em torno, feita de um ponto de vista próximo ao dos protagonistas jovens (Ibidem, p. 103).

3 Considerações finais

Em virtude de tudo que foi mencionado, *As aventuras de Tom Sawyer* traz uma personagem protagonista que, mesmo vivendo entre adultos, é livre ao estabelecer relações com outras personagens, inclusive outras crianças, algumas que são suas oponentes e que contribuem para o afastamento de Tom do grupo das pessoas importantes da cidade e ditas “autoridades”. Depois de muitas peripécias não recomendáveis aos pequenos, o menino realiza boas ações, como salvar sua amiga que tinha se perdido na caverna com ele e passa a ser aceito como herói. A visão que os outros tem dele muda, o leitor percebe que mesmo sendo um menino malcriado, Tom pode realizar boas ações. O conflito presente na obra mostra ao leitor que seu dia-a-dia está repleto de emoções, como a amizade ou a aversão por parte dos outros. A atuação da criança, com defeitos, mas também com qualidades, vista a partir de uma perspectiva mais real torna-se uma grande aventura para o leitor.

REFERÊNCIAS

KHEDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto – juvenil*. São Paulo: Ática, 1990.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler: os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Tradução Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

TWAIN, Mark. *As aventuras de Tom Sawyer*. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Ática, 2004.